

Redes Pessoais de Egressos do Sistema Prisional e Inserção no Mercado de Trabalho

Personal Networks Former Inmates and Entry into Labor Market

*Daniel Araújo de Azevedo¹ 

*Rafaelle Lopes Souza² 

*Alexandre Silva Nogueira³ 

Resumo

Este trabalho analisa como estão estruturadas as redes pessoais de egressos do sistema prisional e como essas redes, combinadas a outros fatores importantes – como escolaridade, experiência profissional prévia, trajetória no cárcere e o estigma – impactam o processo de inserção desses indivíduos no mercado de trabalho. Para tal, foram realizadas aplicação de entrevistas semiestruturadas e de questionários sociométricos a seis egressos do sistema prisional de Minas Gerais. Para analisar os dados utilizamos da técnica de Análise de Redes Sociais, mais especificamente, a Análise de Redes Pessoais. As análises mostram que (1) as redes desses egressos são formadas por laços predominantemente fortes e que (2) apresentam um baixo nível de renovação; (3) o medo do preconceito fecha ainda mais suas redes pessoais; e (4) o primeiro emprego pode ter um efeito de rejuvenescimento sobre as redes pessoais dos egressos.

Palavras-Chave: egressos do sistema prisional; redes sociais; mercado de trabalho.

Abstract

This article analyzes how the personal networks former inmates are structured and how these networks, combined with other important factors – such as schooling, previous professional experience, trajectory in prison and stigma – impact the process of entry into of these individuals into the labor market. The data for analysis came from the application of semi-structured interviews and

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia e Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0912-5665>.

² Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Sociologia e Antropologia, Centro de Estudos da Criminalidade e Segurança Pública (CRISP/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5553-215X>.

³ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia e Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-711X>.

sociometric questionnaires to six prisoners from the Minas Gerais prison system. To analyze the data we use the technique of Social Network Analysis, more specifically, the Analysis of Personal Networks. The analyzes show that (1) the networks of these graduates are formed by predominantly strong ties and that (2) they present a low level of renewal; (3) the fear of prejudice further closes their personal networks; and (4) the first job can have a rejuvenating effect on the graduates' personal networks.

Keywords: former inmates; networks; labor market.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo entender a morfologia das redes pessoais de egressos do sistema prisional e o impacto dessas redes sobre o processo de inserção desses indivíduos no mercado de trabalho. Deste modo, foi realizado um mapeamento das redes pessoais de seis egressos do sistema prisional em Belo Horizonte com o intuito de compreender, de forma comparativa, como essas redes se encontram estruturadas, como elas foram impactadas pela trajetória na prisão e como elas impactam a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Nas análises, considerou-se também outros fatores que influenciam a trajetória ocupacional de egressos do sistema prisional, como escolaridade, experiência profissional, idade, etc.

Para o mapeamento das redes dos egressos foi utilizada a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS), mais especificamente a Análise de Redes Pessoais. A ARS é tanto um método quanto uma abordagem analítica. O uso da ARS ajuda a sanar um vácuo na literatura sobre inserção de egressos no mercado de trabalho, já que permite ver este fenômeno de um ponto de vista que possibilita entender a trajetória dos indivíduos a partir das interações que eles desenvolvem nos contextos sociais em que eles se inserem ao longo da vida e entender como seu sucesso em determinados círculos sociais está ligado à trajetória relacional anterior. Usando dos métodos e técnicas da ARS é possível visualizar e mensurar quantitativamente as redes pessoais de egressos do sistema prisional, de forma a termos uma descrição mais acurada da trajetória relacional desses indivíduos ao longo de vários círculos sociais (SIMMEL, 1999). A expectativa é de que, independentemente dos resultados aqui encontrados, o uso da ARS permita abrir caminhos para se responder perguntas sobre o funcionamento do mercado de trabalho para egressos a partir de uma nova perspectiva, uma perspectiva relacional, que olha para a trajetória e para a inserção relacional dos indivíduos em cada momento de suas vidas (MISCHE, 2007).

O encarceramento representa uma forma de punição, que se dá por meio da restrição de liberdade daqueles que infringem a lei. No entanto, os efeitos da prisão persistem após o fim do período de encarceramento. A literatura mostra que a experiência com o sistema de justiça criminal em si tem consequências negativas para os indivíduos, principalmente em relação a oportunidades futuras de conseguir um emprego legal formal ou informal (PAGER, 2007). A prisão também restringe os indivíduos do contato com o mundo exterior à prisão, ou seja, ela molda as redes pessoais dos egressos, afetando o acesso a oportunidades de emprego que se dão via laços sociais (GRANOVETTER, 1973). Deste modo, ao se analisar as consequências da prisão na vida profissional de

egressos do sistema penitenciário, surgem alguns questionamentos: o tempo de aprisionamento afeta as oportunidades dos entrevistados no mercado de trabalho? Como a trajetória na prisão afeta as redes sociais/pessoais dos egressos? Como esse impacto nas redes pessoais afeta a trajetória no mercado de trabalho posteriormente? Como são estruturadas as redes pessoais de egressos do sistema prisional?

Pensar nessa temática referente aos egressos do sistema prisional e o mercado de trabalho requer refletir sobre efeitos colaterais (KIRK; WAKEFIELD, 2018) produzidos pela experiência prisional que dificultam a trajetória de vida desses sujeitos, atreladas a pouca ou quase inexistência de iniciativas que apoiem as pessoas que passaram pela prisão. As marcas do encarceramento para o indivíduo são muitas: registros de antecedentes criminais, restrições impostas pelo cumprimento da pena (como horário, locais de circulação, obrigação de apresentar ocupação lícita etc.), como também efeitos informais pelo contato com o sistema de justiça criminal que impactam a vida social, saúde, famílias, comunidades e desigualdade (KIRK; WAKEFIELD, 2018), potencializando fragilidades, desvantagens e gerando mais desigualdades a este segmento societário. Todas essas marcas também são fatores preponderantes de (re)encarceramentos (PETTIT; WESTERN, 2004).

Pensando na inserção de egressos do sistema prisional no mercado de trabalho, o seu funcionamento em geral é afetado por diversos fatores, como a oferta de trabalhadores, oferta de vagas e qualificação dos trabalhadores. Neste sentido, a experiência prisional pode afetar duas dessas dimensões. Primeiro afeta a quantidade de trabalhadores disponíveis, pois, na maioria das prisões, nem todas as pessoas privadas de liberdade estão aptas a serem inseridas no mercado de trabalho. Segundo, afeta a qualidade do trabalhador: justamente por privar o indivíduo da convivência com a sociedade, o encarcerado também perde as oportunidades de se qualificar tanto educacional, como profissionalmente. Nesse sentido, há ainda um efeito que merece ser melhor estudado: ao ser privado do convívio social fora do ambiente prisional, o indivíduo perde também a chance de construir diversos tipos laços sociais, laços esses que podem ser fontes de oportunidades no mercado de trabalho formal.⁴

Alguns estudos (PAIXÃO, 1987) apontam a prisão como a instituição do paradoxo, pois reúne dois objetivos totalmente conflitantes: a punição e recuperação e que não prepara o sujeito privado de liberdade para conviver de acordo com as regras socialmente aceitas fora da prisão. Paixão (1987) afirma que o isolamento na prisão tem a principal função de retirar de circulação aqueles ditos como criminosos, cortando assim os laços de sociabilidade com a sociedade “normal”, sendo criada para ser ao mesmo tempo um espaço institucional de punição e recuperação. Deste modo, a prisão não se configura como um local promotor de bem-estar, pois sua função primordial é afastar os indivíduos considerados infratores da sociedade e “*moldá-los aos requerimentos normativos da sociedade*” (PAIXÃO, 1987, p. 21, grifo nosso).

4 A privação de liberdade não priva totalmente os indivíduos de convívio social, mas o colocam em ambientes que exigem novas formas de convívio e, portanto, permitem o surgimento de novos laços sociais, em geral relacionados às dinâmicas do crime e da sobrevivência em prisões. Dentro do ambiente prisional, tais laços formados podem ser importantes no sentido de proporcionar oportunidades de trabalho e emprego fora da prisão. Devo salientar que possíveis oportunidades no mercado de trabalho podem ser tanto, referente a trabalho legal, como para trabalho ilegal.

Nesse sentido, este trabalho oferece uma reflexão importante sobre impactos da privação de liberdade provoca nas redes pessoais dos egressos e o consequente impacto na trajetória profissional desses atores.

Egressos do Sistema Prisional e Mercado de Trabalho

O padrão de sentenciamento e as taxas de encarceramento estão relacionados com a história e a cultura de cada país. O termo denominado “encarceramento em massa” tem raízes culturais que podem ser explicadas na forma como o medo é manipulado pelo pânico moral. (CAMPBELL, 2018). Alguns pesquisadores comparam esse ciclo a uma porta giratória: um número cada vez maior de jovens passa pela prisão, a qual passa a ser um marco esperado na vida adulta desses jovens (CAMPBELL, 2018; PAGER, 2007; PETTIT; WESTERN, 2004). O encarceramento em massa gera consequências muito além dos corpos individuais, afeta sobretudo as famílias que são interrompidas e as comunidades que perdem seus membros. Além disso, o sistema de justiça criminal pode reforçar e legitimar os estereótipos estigmatizantes profundamente enraizados na sociedade.

Nos Estados Unidos, onde se concentra a maior produção científica sobre o tema e a maior população carcerária do mundo, alguns dados apontam para o fato de que as taxas de encarceramento de residentes aumentaram cerca de 700% entre 1970 e 2010. E a cada ano, cerca de 650.000 indivíduos nos EUA saem do sistema correcional para tentarem voltar ao mercado de trabalho. Muitas dessas liberações só são permitidas se houver uma condição específica denominada de supervisão ou correções comunitárias. Segundo o *Council of State Governments* (2005), essa forma de supervisão é ordenada por um tribunal e gerenciada por um oficial de liberdade condicional. Pode incluir toque de recolher obrigatório, teste de drogas e o requisito de procurar, obter e manter um emprego.

No Brasil, segundo dados mais recentes do fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), até junho de 2021 havia 820.689 pessoas privadas de liberdade. Segundo a mesma fonte, há maior investimento em ações que enfatizem novas prisões do que iniciativas que priorizem a trajetória pós prisional ou ações que preconizem qualificação educacional e profissional de quem ainda está privado de liberdade. Embora muito se tenha avançado no que diz respeito a implementação de programas de apoio a egressos do sistema prisional no âmbito federal (CNJ, 2020) e estadual, tais iniciativas ainda são insuficientes.

O mercado de trabalho é afetado pela lei da oferta e da procura como em qualquer tipo de mercado, entretanto, outro fator a ser considerado é a qualidade dos trabalhadores. Assim, uma vez que temos um crescimento exponencial do setor carcerário, a oferta e a qualidade dos trabalhadores que por algum momento de suas vidas passaram pelo sistema prisional, tendem a afetar o mercado de trabalho, gerando desigualdades entre indivíduos e/ou grupos sociais. Em outras palavras, o crescimento do sistema prisional provoca efeitos econômicos não intencionais e inesperados em toda a sociedade e impacta negativamente, principalmente, os resultados econômicos daqueles que já passaram pela prisão ou de suas famílias.

Vernick e Reardon (2001), observaram na realidade norte-americana que a maior parte das ações de reabilitação a egressos do sistema prisional se concentra no treinamento de habilidades vocacionais e na orientação a quem passou pelo sistema prisional para

encontrar um emprego. Isso significa que estes indivíduos tomam decisões sobre como conseguir e se manter em um novo trabalho ainda com uma consciência bem limitada de seus interesses, necessidades e habilidades na carreira. Além disso, suas ações referentes à procura por emprego podem desencadear consequências não esperadas. Um número considerável de egressos do sistema prisional, no início de sua liberdade condicional, pode encontrar-se trabalhando em empregos para os quais suas aptidões não são adequadas ou interminavelmente procurando um emprego antes de estar pronto para conquistar a vaga.

Como qualquer trabalhador, os egressos do sistema prisional possuem necessidades de desenvolvimento para sua carreira. Em determinados locais, a figura dos oficiais de liberdade condicional aparece como, além de conselheiros, uma espécie de relações públicas ou recursos humanos do próprio ex-detento, que normalmente ao longo da história de sua vida profissional pode ter uma exposição limitada ao mercado de trabalho legítimo. Seus históricos de trabalho também podem ser marcados por demissões impulsivas dificuldades interpessoais e demissões iniciadas pelo empregador (LYNCH; SABOL, 2001; RAILEY; PETERSON, 2000), o que habitualmente, para o próprio egresso que procura trabalho, pode significar uma rejeição inicial por parte do empregador, ainda mais se o egresso aparece numa entrevista de emprego sem um pré-contrato do seu oficial de liberdade. Portanto, a ação desses oficiais do sistema de justiça pode significar a diferença entre uma oportunidade no mercado de trabalho ou não, mesmo que os tipos de emprego que os ex-detentos obtenham sejam frequentemente os mesmos empregos de baixa remuneração e baixa qualificação que desaparecem durante os períodos de crise econômica (SMITH; WOODBURY, 1999).

Shivy *et al.* (2007), por exemplo, reconhecem em seu trabalho o problema que existe quando da (re)entrada de egressos vindos do sistema prisional para o mercado de trabalho. Sua pesquisa evidencia o problema de que os egressos do sistema prisional possuem diferentes necessidades de orientação profissional para que possam gerir suas carreiras, pelo menos no período em que estão recentemente gozando de liberdade e buscando reinserção no mercado de trabalho.

Mas quais as explicações para resultados não satisfatórios de empregabilidade de egressos do sistema prisional? Segundo Devah Pager (2007), existem três hipóteses que podem ser analisadas. Primeiro, “efeitos de seleção”, ou seja, os tipos de pessoas que passam pela prisão não desejam trabalhar no mercado formal ou não possuem habilidades suficientes para encontrar um emprego. Essa ideia vem do argumento de que as prisões “selecionam” alguns grupos, principalmente aqueles que não estão dispostos ou não são capazes de conseguir e se manter em um emprego. Para essa perspectiva, mesmo que se eliminasse todo o sistema de encarceramento, o resultado de empregabilidade para esse grupo permaneceria inalterado. Há várias razões colocadas para se acreditar nessa hipótese: por exemplo, indivíduos que acabam presos têm, em média, baixos níveis educacionais, histórico de não continuidade num emprego fixo e pouca habilidade interpessoal.

A segunda explicação refere-se à experiência na prisão que “transforma” os internos e os torna menos adequados para o mercado de trabalho formal. Relacionando as premissas acima a realidade brasileira, a população carcerária é composta por homens

jovens, em sua maioria não brancas e com baixa escolaridade, pouca ou quase nenhuma qualificação profissional que potencializa de forma negativa a inserção no mercado de trabalho após a experiência prisional.

A terceira explicação está relacionada ao “credenciamento”. Como será discutido, no Brasil o atestado de antecedentes criminais funciona como um marcador oficial negativo para aqueles que não o possuem. Além de restringir o acesso e as oportunidades no mercado de trabalho, confere aos indivíduos estigma social e suposições generalizadas de falta de confiança ou pouco potencial para o trabalho.

Portanto, um dos principais efeitos que o encarceramento pode resultar nessa perspectiva sobre empregabilidade e mercado de trabalho é num substancial decaimento do capital humano, além de um declínio no bem-estar físico e psicológico para egressos do sistema prisional, que são expostos a um ambiente institucional prejudicial e ficam um longo tempo fora do mercado de trabalho formal. Embora seja preconizado pela Lei de Execuções Penais o direito a educação e ao trabalho a quem está privado de liberdade, maior preparação a exigências laborais da sociedade fora da prisão ainda são incipientes. Somente na década passada que iniciativas de transição de cárcere para comunidade começaram a ser formuladas e implementadas em âmbito federal⁵.

Essas explicações elencam vários fatores para o centro da discussão sobre inserção de egressos do sistema prisional no mercado de trabalho. Mas elas não dão muita importância a um aspecto em específico: os efeitos da trajetória na prisão sobre as redes pessoais e o capital social dos egressos e as consequências disso sobre a vida profissional posterior dos egressos. O tempo na prisão prejudica os laços familiares e sociais do indivíduo, que são de suma importância para se encontrar um emprego.

Assim, grande parte das pessoas que passa pelo sistema prisional enfrenta grandes dificuldades após saída do sistema prisional. Dentre os entraves percebidos estão: a falta de documentos pessoais; pouca escolaridade e\ou quase nenhuma qualificação profissional; falta de assistência jurídica adequada, desencadeamento ou potencialização de transtornos psíquicos ocasionados pela experiência prisional somado ao tratamento precário das unidades prisionais, como também para o uso e abuso de álcool e outras drogas; pouco apoio comunitário\institucional; falta de moradia (já que alguns egressos vivem em situação de rua) e por fim dificuldades de inserção no mercado de trabalho atrelado ao estigma e preconceito ilustram o difícil caminho a ser trilhado por aqueles que passaram pela prisão.

Desse modo, deve-se também levar em conta outros aspectos que explicam o processo de inclusão social de egressos do sistema prisional, como a conformação interna das redes de laços sociais em que eles estão imersos. A literatura sobre mercado de trabalho tem mostrado que as redes são fundamentais para o sucesso profissional dos indivíduos. Granovetter (1973) mostrou como indivíduos conseguem mais oportunidades de trabalho por meio dos laços fracos. Burt (2005) por sua vez demonstrou que uma rede pessoal diversa, quer dizer, formada por laços com vários círculos sociais, traz vantagens para os indivíduos no mercado de trabalho. Vamos neste artigo ligar essas três discussões: a

⁵ Como uma das ações de uma Política Nacional de Atenção e Pessoas Egressas está a mobilização de pré-egressos, ou seja, de pessoas que estão aptas à progressão de regime e saída do sistema prisional. Mais informações em: https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/09/Guia-para-Aplicacao_eletronico.pdf

inserção de egressos do sistema prisional no mercado de trabalho, a trajetória de vida desses indivíduos e a morfologia de suas redes pessoais. O intuito é entender como diferentes trajetórias moldam diferentes redes e como essas redes podem estar relacionadas ao processo de entrada no mercado de trabalho após a saída da prisão. Nesse debate também se considera a importância que outras variáveis podem ter para o processo de inserção ocupacional dos egressos, como a escolaridade, o tempo na prisão, as experiências e oportunidades profissionais, religião etc. Esse é um estudo qualitativo, não queremos generalizar os resultados encontrados, apenas jogar luz sobre uma faceta pouco estudada do fenômeno de inserção de egressos no mercado de trabalho.

Um diferencial deste trabalho é que tentaremos analisar as redes dos egressos de maneira mais objetiva, usando da abordagem de Análise de Redes Sociais. Com isso conseguiremos mensurar de forma mais precisa a morfologia dessas redes. Mas as redes não serão o único objeto de análise. Coletamos também dados qualitativos sobre a trajetória de vida desses atores, tendo como foco a relação entre trajetória na prisão, condição atual de vida e inserção ocupacional. Esses dados qualitativos nos ajudarão a dar sentido aos dados analisados via ARS.

Metodologia

ARS e Redes Pessoais

Para o mapeamento das redes pessoais dos trabalhadores egressos foi utilizada a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS). A ARS é reconhecida como um recurso central para a operacionalização da abordagem relacional na pesquisa sociológica. No centro dessa abordagem está a noção de rede, que pode ser definida, segundo Steiner (2006, p. x), como “um conjunto de atores ligados por uma relação [...]”; uma rede caracteriza, assim, o sistema formado pelos vínculos diretos e indiretos [...] entre os atores”.

Nesse sentido, a ARS é uma abordagem estrutural e também um instrumento metodológico orientado para a busca, sistematização e análise de informações sobre as relações sociais em um contexto social específico. Essas informações relacionais são constituídas pelos nós da rede em análise e podem ser coletadas a partir de procedimentos tradicionais como questionários, observações participantes, análise de documentos e entrevistas, usados separadamente ou em combinação. (SILVA; ZANATA JÚNIOR, 2012).

No caso dessa pesquisa, usamos um braço específico da ARS para entender a inserção relacional de egressos do sistema prisional. Trata-se da abordagem de redes pessoais. A Análise de Redes Sociais se divide em duas grandes famílias de métodos. Por um lado, existem as abordagens “sociocentradas”. Nesse caso, o objetivo é mapear por inteiro os contextos sociais (organizações, partidos, movimentos sociais, família etc.). Uma vez identificadas as fronteiras do contexto social em questão, constrói-se as chamadas “redes completas”. Nessas, todos os atores do contexto social são entrevistados. Os atores reportam sobre os laços sociais que eles mantêm com os demais membros daquele contexto. Essa é uma abordagem custosa, mas que permite a coleta de um dado bastante rico, ao qual pode ser aplicado a maior parte das métricas existentes de Análise de Redes Sociais.

A outra grande família de métodos de ARS é a abordagem de “redes pessoais/egocentradas”. Nesse caso, o objetivo não é mapear todo o contexto social, mas apenas o contorno das relações sociais que envolve o ator. Toda pessoa possui laços com uma multiplicidade de outras pessoas. Esses laços podem ser de amizade, de cooperação, confiança etc. Uma *egonetwork* captura essa estrutura de laços que circunda os indivíduos (atores). Ela compreende o ego e os *alteres* (os atores com quem o ego mantém alguma relação social). Uma *egonetwork* pode conter também as relações existentes entre os *alteres*. Além disso, pode-se adicionar ao estudo certos atributos do ego e dos *alteres*.

Uma pesquisa usando de *egonetworks* costuma ser feita a partir de uma amostragem. No caso desta pesquisa, não usaremos uma amostragem. A abordagem de *egonetworks* não terá aqui a finalidade de construir generalizações sobre o fenômeno em análise. A ideia é aprofundar nosso conhecimento sobre as estruturas relacionais em que os egressos do sistema prisional estão inseridos e entender o impacto dessas estruturas sobre sua situação profissional. Servirá, portanto, para aprofundar uma pesquisa de caráter qualitativo.

O levantamento das redes pessoais dos sujeitos pesquisados envolveu quatro etapas. Primeiro, aplicamos uma série de geradores de nomes aos entrevistados. Um gerador de nome é uma questão que busca captar os nomes de pessoas com as quais o ego (entrevistado) mantém certo tipo de relação social. Cada gerador de nome captou um tipo de relação social específico. As perguntas dos geradores pediam, por exemplo, os nomes de pessoas com as quais o ego interagia com muita frequência, com as quais ele buscava conselho e com as quais ele mais interagia nos momentos de lazer.

A segunda etapa envolveu a aplicação de questões que captavam as relações existentes entre os *alteres*. Isso tornou possível entender a densidade das relações existentes ao redor do ego. Uma terceira etapa na construção da *egonetwork* foi a coleta de informações que qualificavam as relações entre os *alteres*. Perguntamos sobre a força dos laços existentes entre os *alteres*. A quarta etapa constituiu-se da coleta de dados sobre atributos dos *alteres*. Aqui, perguntamos sobre religião, idade, escolaridade, parentesco e profissão dos *alteres*. Essas informações foram importantes para entender características sociais mais amplas das redes dos egressos, possibilitando capturar marcadores sociais importantes para explicar a trajetória dos atores.

Entrevistas

Para conhecermos as trajetórias dos egressos realizamos entrevistas semiestruturadas com os mesmos. Essas entrevistas nos deram dados sobre a trajetória criminal dos egressos, sobre variáveis que podem influenciar o processo de entrada no mercado de trabalho (como idade, escolaridade, religião, experiência profissional, tempo na prisão, etc.) e também forneceram mais informações sobre as relações sociais que eles mantiveram ao longo de suas vidas. Portanto, os dados qualitativos complementaram os dados relacionais coletados via questionário sociométrico. Esses dados qualitativos nos permitiram interpretar de maneira mais contextualizada os dados sociométricos. Foram realizadas seis entrevistas com seis egressos do sistema prisional no início do ano de 2021. Inicialmente a busca dos entrevistados se deu por indivíduos que haviam passado pelo

sistema prisional e que gostariam de participar desta entrevista. Devido à dificuldade de encontrar tais indivíduos disponíveis foi solicitado indicações de possíveis candidatos a participarem da entrevista a um membro de uma entidade do terceiro setor de Belo Horizonte. Este disponibilizou vários contatos, os quais foram chamados para uma conversa inicial e, porventura, convidados para participar das entrevistas.

O contato ocorreu, inicialmente, com sete pessoas, às quais foi explicado o objetivo das entrevistas e solicitada a participação. Dessas sete pessoas convidadas, apenas uma se recusou a participar, por estar muito atarefada no momento do contato. Sua decisão foi respeitada, e então seis entrevistas foram realizadas, sendo quatro com homens e duas com mulheres.

Como esta pesquisa tem caráter qualitativo, não houve possibilidade de controlar a escolha destes entrevistados por nenhuma variável, como sexo, idade e tempo de prisão. Deste modo, as entrevistas apenas pretendem ser demonstrativas de como foram as trajetórias de vida destas pessoas e não ensejam a qualquer conclusão generalizada sobre o fenômeno aqui pesquisado.

O roteiro de entrevista foi constituído somente por perguntas que eram chaves para conduzir a entrevista. Entretanto, foi permitido ao entrevistado relatar sobre o que quisesse de sua história de vida. Assim, houve histórias muito diferentes, mas também parecidas em suas generalidades, como infância e adolescências conturbadas, problemas familiares, envolvimento com drogas, baixa escolaridade e preconceito do mercado de trabalho pelo fato de serem egressos do sistema prisional.

Com os dados coletados reconstruímos as trajetórias e o perfil social dos egressos (escolaridade, idade, religião etc.). A utilização de conceitos e técnicas de análise biográfica nos permitiu entender a história contada pelos entrevistados de maneira encadeada, ou seja, enquanto uma biografia de vida. A ideia era entender os principais fatos da trajetória de vida dos entrevistados.

Resultados

Os nomes apontados a seguir são fictícios de forma a preservar a identidade dos entrevistados. O Quadro 1 abaixo mostra um resumo de todas as entrevistas com os egressos do sistema prisional. Para começar, sobre as razões de entrada no mundo do crime, o quadro mostra que três (3) egressos disseram que a principal motivação foi o envolvimento com o tráfico de drogas ilícitas. A outra metade dos entrevistados respondeu que a principal motivação se deveu a uma relação familiar conturbada e às relações de amizade na adolescência. Tais respostas encontradas corroboram com as teorias da Curso de Vida na Criminologia (BENSON, 2012; ELDER, 1985; GOTTFREDSON; HIRSCHI, 1990) em que grande parte das carreiras criminosas começam ainda na adolescência do indivíduo devido às relações sociais que são desenvolvidas neste período da vida e a fragilidade dos laços familiares destes sujeitos.

Quadro 1 - Resumo das entrevistas

Entrevistado	Sexo	idade	Escolaridade	Motivação p/ ingresso no crime	Tempo de encarceramento	Oportunidade de trabalho e estudo durante cárcere	Trabalho atual
Pedro	Masculino	42	Ensino médio e curso técnico em contabilidade	Envolvimento com tráfico de drogas	10 anos	Quando transferido para uma PPP	Lavador de carros
Mateus	Masculino	38	Ensino Fundamental (8ª série)	Divergências familiares/ Amigos na adolescência	15 anos	Somente na terceira passagem pela prisão quando transferido para uma PPP	Desempregado (Realiza trabalhos esporádicos como servente de pedreiro)
Luiz	Masculino	43	Ensino Fundamental incompleto (3ª série)	Divergências familiares/ Amigos na adolescência	17 anos	Quando transferido para uma PPP, onde alega ter tido oportunidade de trabalho, de fazer artesanato e alguns cursos.	Desempregado
Marina	Feminino	35	Ensino médio completo	Envolvimento com tráfico de drogas	2 anos	Trabalho remunerado e com garantia a remissão de pena dentro da prisão feminina	Desempregado
Alex	Masculino	40	Ensino Fundamental incompleto (1ª série)	Divergências familiares/Amigos na adolescência	11 anos	Trabalhou como faxineiro, com reciclagem e na cozinha do presídio	Desempregado (Realiza trabalhos esporádicos)
Iza	Feminino	29	Ensino Fundamental incompleto (1ª série)	Envolvimento com tráfico de drogas	2 anos	Curso de informática básica pelo SENAI	Empreendedora na área de alimentação.

Fonte: Elaboração Própria.

No momento das entrevistas, três (3) entrevistados disseram que estavam desempregados e entre esses dois (2) realizavam trabalhos esporádicos, os famosos “bicos”. Dois (2) entrevistados disseram que trabalhavam: Iza, que é pequena empresária no ramo de *fast food*, e Luiz, que tem um emprego informal como lavador de carros e motocicletas.

O maior tempo de prisão não parece ser característica determinante para que hoje os entrevistados estejam ou não sem um emprego. Já a escolaridade, junto com as oportunidades dentro do cárcere e as oportunidades pós-encarceramento, parece ter um grande papel para determinar a situação atual profissional de cada um desses trabalhadores.

Todos os egressos entrevistados relataram que buscaram se inserir no mercado de trabalho após a saída do cárcere⁶, mas alguns deles desenvolveram um quadro de descrença quanto à possibilidade de conseguir uma ocupação. É um quadro psicológico

⁶ Lembramos ao leitor que o foco deste artigo não é apresentar e analisar as maneiras que o trabalhador egresso utilizou para (re)ingressar no mercado de trabalho, por isso não apresentaremos tais estratégias utilizadas, sendo esse o foco de pesquisas futuras.

em que a pessoa não acredita que obterá uma vaga e que tem efeitos sobre seu comportamento futuro, influenciando suas decisões acerca da volta ao mundo do crime, por exemplo. Os entrevistados nessa situação produzem narrativas que buscam justificar e embasar essa descrença. Nessas narrativas eles citam o preconceito da sociedade contra quem passou pelo sistema prisional, a falta de interesse do Estado e a fé como um dos poucos refúgios para essa situação. Essa condição psicossocial é a base para um fenômeno que tem crescido no mercado de trabalho brasileiro, o fenômeno do “desalento” (JARDIM, 2011). Os desalentados são indivíduos que até estão dispostos a trabalhar, mas que desistiram de procurar emprego porque não conseguiram encontrar um. Esse fenômeno é bastante comum entre egressos do sistema prisional, e o preconceito parece ser uma de suas causas principais.

Em relação ao papel da assistência social ou religiosa no período que esteve preso ou já egresso do sistema penal, apenas um (1) egresso relatou que recebeu apenas assistência religiosa e dois (2) relataram que receberam apenas assistência social (principalmente devido ao Programa de Inclusão de Egressos do Sistema Prisional (PRESP) e a ONG Rede Cidadã⁷. Dois (2) egressos relataram que tiveram assistência de ambas e apenas um (1) considera que não obteve nenhum tipo de assistência nem durante o período que esteve presa, nem quando saiu da prisão.

Sobre a percepção dos egressos acerca do papel do Estado nas questões como oportunidade de profissionalização e acesso a trabalho, os entrevistados do sexo masculino consideram que apenas nas prisões do tipo parceria público-privado em Minas Gerais (PPP) existe uma verdadeira oportunidade para os detentos aprenderem um ofício e trabalharem dentro da prisão. Já as entrevistadas do sexo feminino relataram que nas prisões femininas havia oportunidades de profissionalização, até mesmo com cursos oferecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI.

Laços Fortes, Fechamento Relacional e Inserção Ocupacional

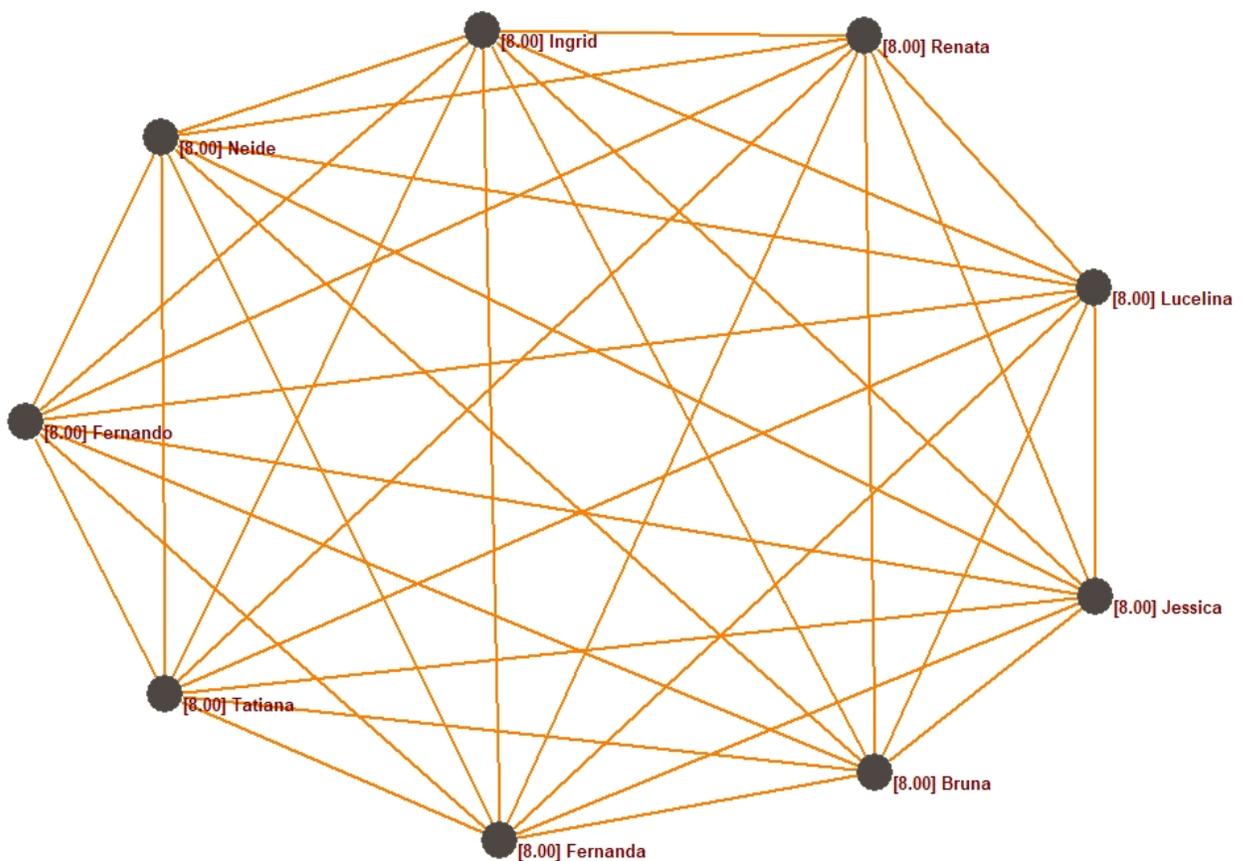
Olhando mais diretamente para os dados relacionais, um primeiro ponto a ser observado é a dificuldade que os sujeitos entrevistados têm para renovar suas redes pessoais e a grande presença de laços fortes. Seus *alteres* entraram nas redes, em média, há bastante tempo (em média, há 23 anos). São, em geral, familiares e amigos de infância dos egressos. Isso mostra que essas são redes formadas por laços muito fortes. Esse fato tem um lado positivo, porque esses são laços que servem como fonte de suporte social, mas, por outro lado, esse tipo de laço é também menos eficiente se pensarmos no que a literatura tem dito acerca da importância dos laços fracos para a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho (GRANOVETTER, 1973). Os laços mais fracos tendem a ser condutores de novidades, de informações frescas em relação a oportunidades de trabalho (BURT, 2005). No caso dos laços fortes, acontece o contrário; redes com laços fortes tendem a ser repetitivas do ponto de vista informacional. Se os sujeitos entrevistados não renovam suas redes com novos laços (laços que teriam um caráter de laço fraco, que seriam formados mais recentemente), então eles têm ainda mais dificuldades para acessar o mercado de trabalho.

⁷ Para saber mais sobre a ONG Rede Cidadã, acesse: <https://www.redecidada.org.br/quem-somos/>

Interessante observar que as redes pessoais das mulheres entrevistadas são ainda mais fechadas que as dos homens, quer dizer, possuem uma densidade relacional maior – um indício da presença de laços mais fortes. Ou seja, aqui, parece ter também o efeito de vários processos sociais geradores de desigualdade ligados ao gênero.

Um exemplo é Marina, que se encontra atualmente desempregada. É uma rede menor, se comparada às dos demais entrevistados. É também extremamente fechada, no sentido de que todos os atores se conhecem, ou seja, há uma densidade relacional muito alta. Nesse tipo de rede, como mostra Burt (2005), a confiança é muito alta entre os membros. Certamente esse é um tipo de rede que propicia a ajuda mútua e o suporte social entre os atores. A questão é que, pensando no outro lado do capital social (laços fracos versus laços fortes, ou, *brokerage vs closure*), essa rede é mais fechada para novas informações e oportunidades. Aí todos se conhecem bem e há muito tempo, logo a entrada de novidades nesse mundo relacional é mais rara, o que é um dificultador a mais em suas tentativas de se inserir no mercado de trabalho.

Figura 1 - Rede pessoal de Marina



Fonte: Elaboração Própria.

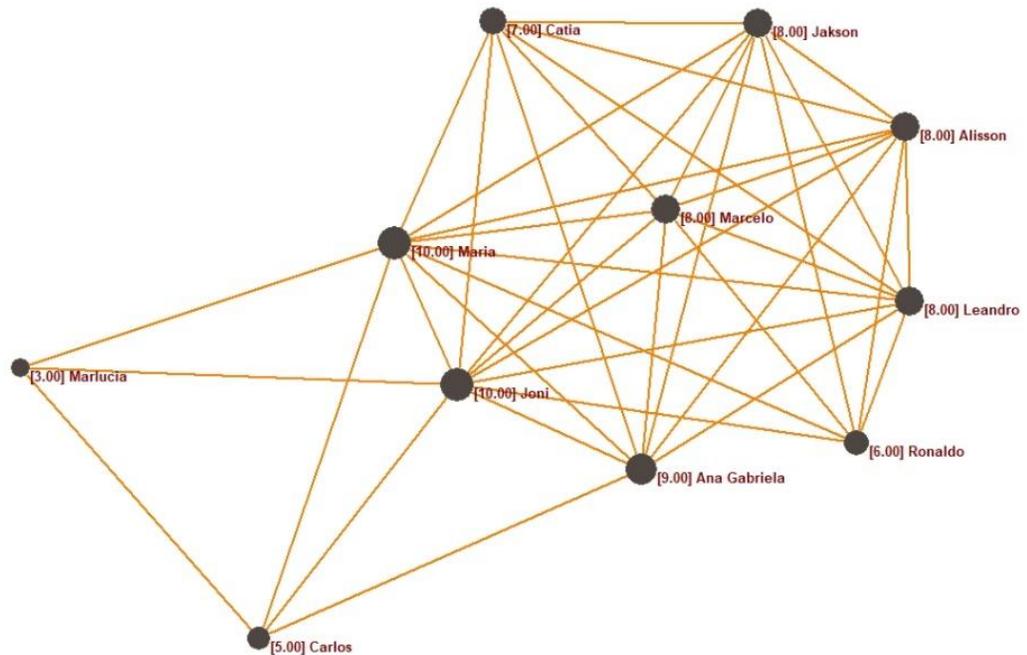
Quadro 2 - Perfil dos *alteres* na rede pessoal de Marina

Nome	Idade	QTSC	Profissão	Religião	Relação	Escolaridade
F	39	3	Metalurgico	Evangélico	Marido	Ensino Médio Incompleto
N	59	35	Do Lar	Evangélico	Mãe	Ensino Fundamental Incompleto
I	14	14	Estudante	Evangélico	Sobrina	Ensino Fundamental Incompleto
R	29	10	Motorista Uber	Católico	Amiga	Ensino Médio Completo
L	36	15	Manicure	Evangélico	Amiga	Ensino Fundamental Completo
J	30	10	Manicure	Evangélico	Amiga	Ensino Médio Completo
B	30	6	Técnico Administrativo Laboratório	Não-praticante	Amiga	Ensino Médio Completo
F	37	35	Administradora	Evangélico	Irmã	Superior Completo
T	36	35	Do Lar	Evangélico	Irmã	Ensino Médio Completo

Fonte: Elaboração Própria.

Outro exemplo de rede com pouca renovação dos laços é a rede de Luiz. Sua rede bastante pobre em termos de acesso a novas informações e oportunidades, já que a média de tempo que ele conhece seus alteres é de 32 anos. Apenas um alter entrou recentemente na sua vida, seu padrasto. É também, no geral, uma rede pessoal bastante fechada, em que todos se conhecem. Mais um sinal da falta de canais por onde possa haver novas informações. Isso se soma ao fato de a maior parte dos alteres possuir escolaridade muito baixa. É a rede pessoal analisada com o maior percentual de alteres que tem apenas o ensino fundamental ou o fundamental incompleto. Tudo isso só mostra como as chances de Luiz de se inserir no mercado de trabalho são baixas. E sem uma primeira oportunidade essa situação tende a se reproduzir ao longo do tempo.

Figura 2 - Rede pessoal de Luiz



Fonte: Elaboração Própria.

Quadro 3 - Perfil dos alteres da rede pessoal de Luiz

Nome	Idade	QTSC	Profissão	Religião	Relação	Escolaridade
M	63	43	Aposentada	Católica	Mãe	Ensino Fundamental Incompleto
M	35	35	Servente de Pedreiro	-	Amigo	Ensino Fundamental Incompleto
C	28	15	Faxineira	Não tem	Namorada	Ensino Fundamental Completo
J	36	36	Desempregado	Não tem	Amigo	-
J	26	36	Montador de Moveis	Evangélico	Irmão	Ensino Fundamental Completo
A	32	32	Porteiro de Escola	Evangélico	Amigo/Compadre	Ensino Médio Completo
L	27	27	Metalúrgico	Evangélico	Amigo/Compadre	Ensino Médio Completo

A	14	14	Estudante	Não tem	Filha	Ensino Fundamental Incompleto
R	52	43	Motorista de Uber	Não tem	Amigo	Ensino Fundamental Incompleto
C	60	1	Pedreiro	Não tem	Padrasto	Ensino Fundamental Incompleto
M	58	43	Doméstica	Católica	Tia	Ensino Fundamental Incompleto

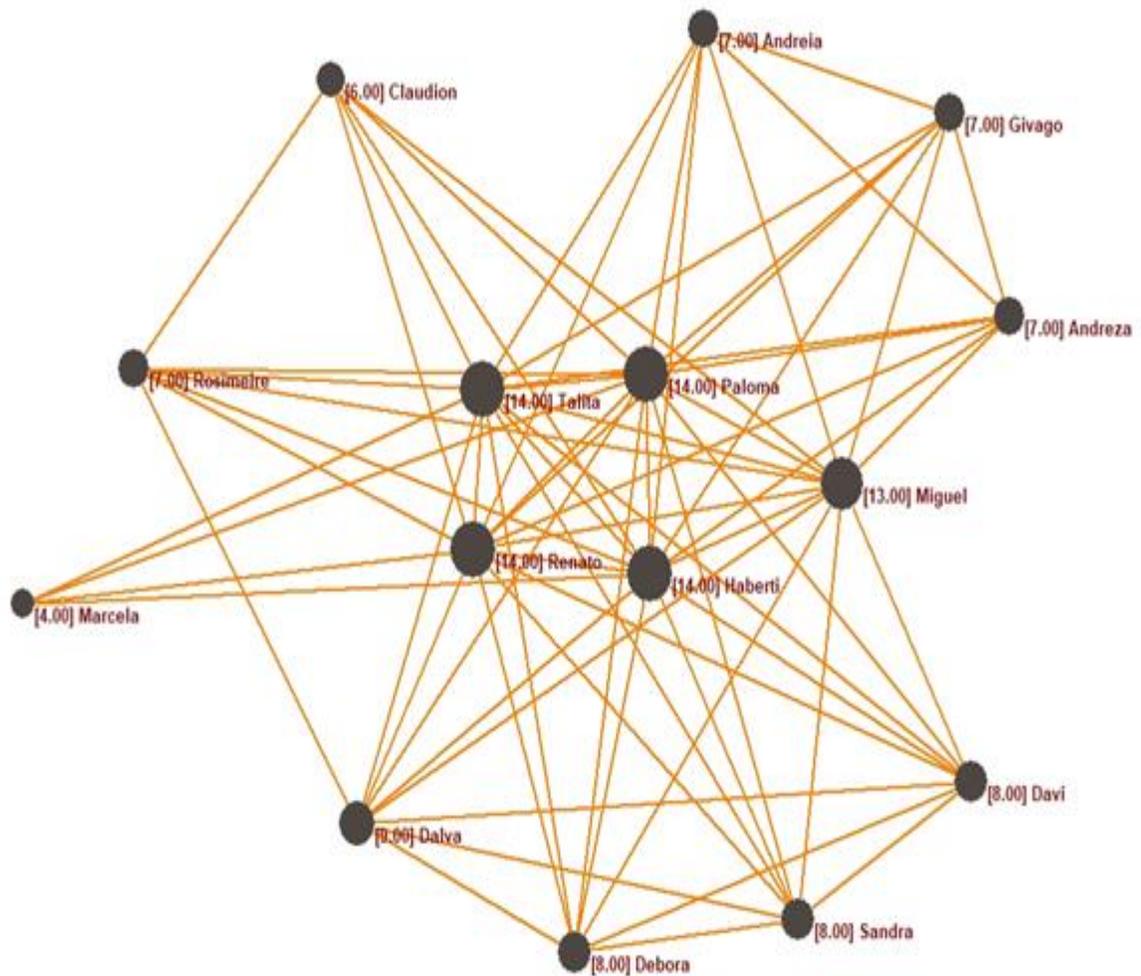
Fonte: Elaboração Própria.

Estigma, Vergonha e Fechamento Relacional

Essa forma que as redes pessoais dos egressos possuem, ou seja, redes fechadas, com laços fortes e pouca renovação dos laços, é também fruto do medo do preconceito. Como se viu nos relatos, há o medo de que as pessoas saibam sobre o passado no cárcere, daí que esses sujeitos tentem evitar certos tipos de relações sociais, para não se exporem. Em alguns casos, eles nem chegam a pedir ajuda aos amigos e conhecidos em temas relacionados ao mercado de trabalho, porque ao fazerem isso podem ter seu passado revelado (caso o empregador interessado tenha acesso à sua ficha criminal). Isso mostra outro efeito perverso que o preconceito tem sobre as oportunidades de inserção desses sujeitos no mercado de trabalho: o medo do preconceito fecha ainda mais suas redes pessoais.

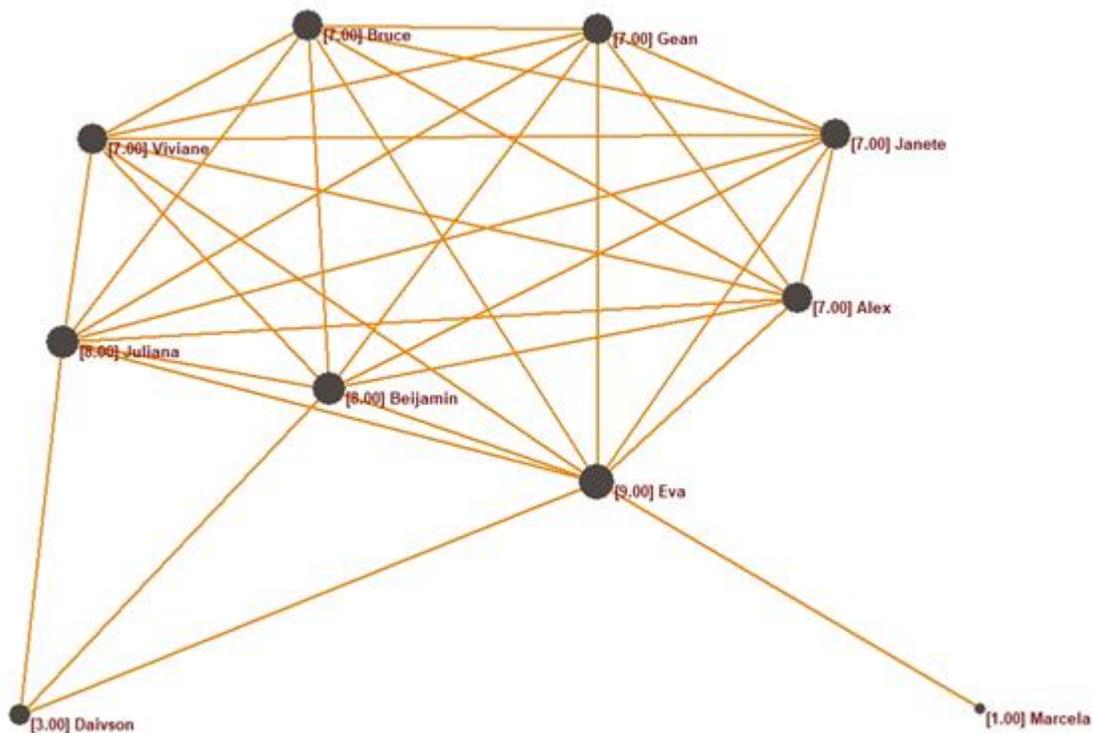
Nesse sentido, um caso que chama a atenção é a de Iza que possui uma escolaridade baixa (2 anos), passou dois anos presa, mas, por oportunidades fora da prisão, conseguiu investir em um pequeno empreendimento e hoje colhe frutos do sucesso profissional, demonstrado pela própria entrevistada, por meio da aquisição de uma casa própria e a ampliação de seu negócio.

O receio em construir novas relações sociais aparece bem na rede pessoal de Iza. Sua rede pessoal é relativamente grande, se comparada aos demais entrevistados, mas é praticamente toda focada em familiares, com exceção de dois amigos e de dois pastores. Esse medo é mais um impeditivo para que novas oportunidades de trabalho apareçam em sua vida. Como ela mesma afirma, ela prefere não pedir ajuda em temas relacionados à inserção no mercado de trabalho, justamente pelo medo de que descubram algo sobre seu passado na prisão. Isso mostra um efeito perverso do preconceito contra quem passou pelo sistema prisional: o medo desse preconceito tem um efeito de limitar as próprias redes pessoais desses indivíduos, dificultando ainda mais suas vidas no mercado de trabalho.

Figura 3 - Rede pessoal de Iza

Fonte: Elaboração Própria.

Outro exemplo é Alex. Sua rede pessoal é basicamente formada por familiares. Ele praticamente não tem amigos – com a exceção da cunhada, de um colega e da própria psicóloga da ONG. Laços familiares tendem a ser ainda mais fortes que laços de amizade e tendem a acontecer em redes muito fechadas, já que familiares se conhecem desde muito tempo e se relacionam muito entre si. Isso é, como visto em outras trajetórias analisadas acima, um impeditivo para o acesso a novas informações e oportunidades. A isso se soma a dificuldade de interação interpessoal e a tentativa constante de Alex de esconder seu passado. Essa tentativa diminui ainda mais a chance de que ele encontre novos colegas ou amigos que deem dicas de emprego a ele. Esse é um efeito perverso também visto em outras trajetórias: ao tentar esconder o passado, a pessoa fecha ainda mais seu círculo de relações pessoais, aumentando as dificuldades de inserção no mundo do trabalho.

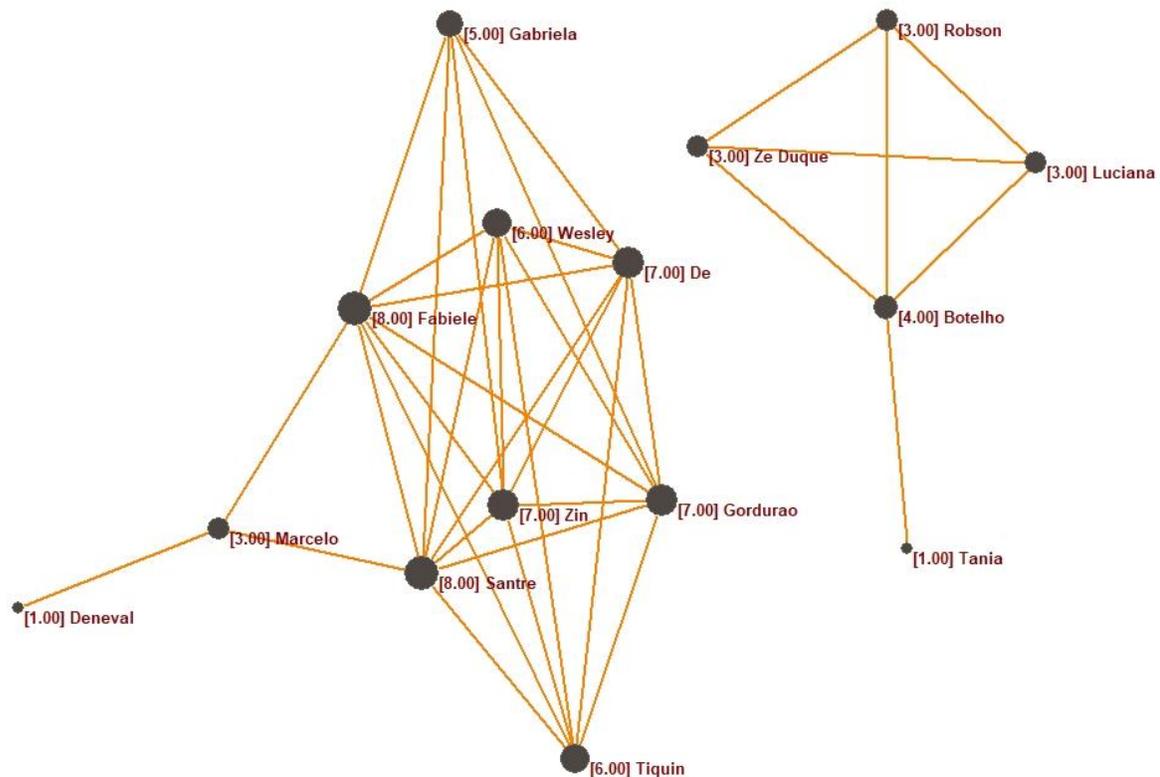
Figura 4 - Rede pessoal de Alex

Fonte: Elaboração Própria.

Primeiro Emprego, Rejuvenescimento Relacional e Oportunidades

Outro achado importante é que o primeiro emprego pode ter um efeito de rejuvenescimento sobre as redes pessoais dos egressos do sistema prisional, aumentando as possibilidades de futuras inserções no mercado de trabalho. Um exemplo é Mateus. No seu caso, percebemos como a primeira oportunidade de emprego modificou seu mundo relacional. Comparada às demais redes pessoais analisadas, sua rede é grande, com 15 alteres. O ponto mais marcante de sua rede é que ela se encontra dividida em dois componentes, ou seja, duas redes completamente separadas umas das outras. Ademais, um dos componentes é formado por pessoas que Mateus conheceu apenas após entrar em seu primeiro emprego. Isso reforça a importância que o primeiro emprego tem para rejuvenescer as redes pessoais dos ex-detentos. Com os novos alteres, aumentam as chances de circularem informações novas, de surgirem novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Alguns dos alteres do componente menor da rede de Mateus possuem inclusive curso superior (são 20% de alteres com ensino superior em sua rede pessoal), o que é algo difícil de encontrar nas redes pessoais dos demais ex-detentos entrevistados.

O outro componente da rede pessoal de Mateus, o maior, é formado por alteres que ele conhece há muito tempo, aí estão familiares e amigos de infância. Alguns desses amigos ainda são envolvidos com o tráfico de drogas. Nesse componente a escolaridade é baixa. Por serem laços mais fortes, formados há muito tempo, essa é uma parte da rede de Mateus por onde tende a circular menos oportunidades.

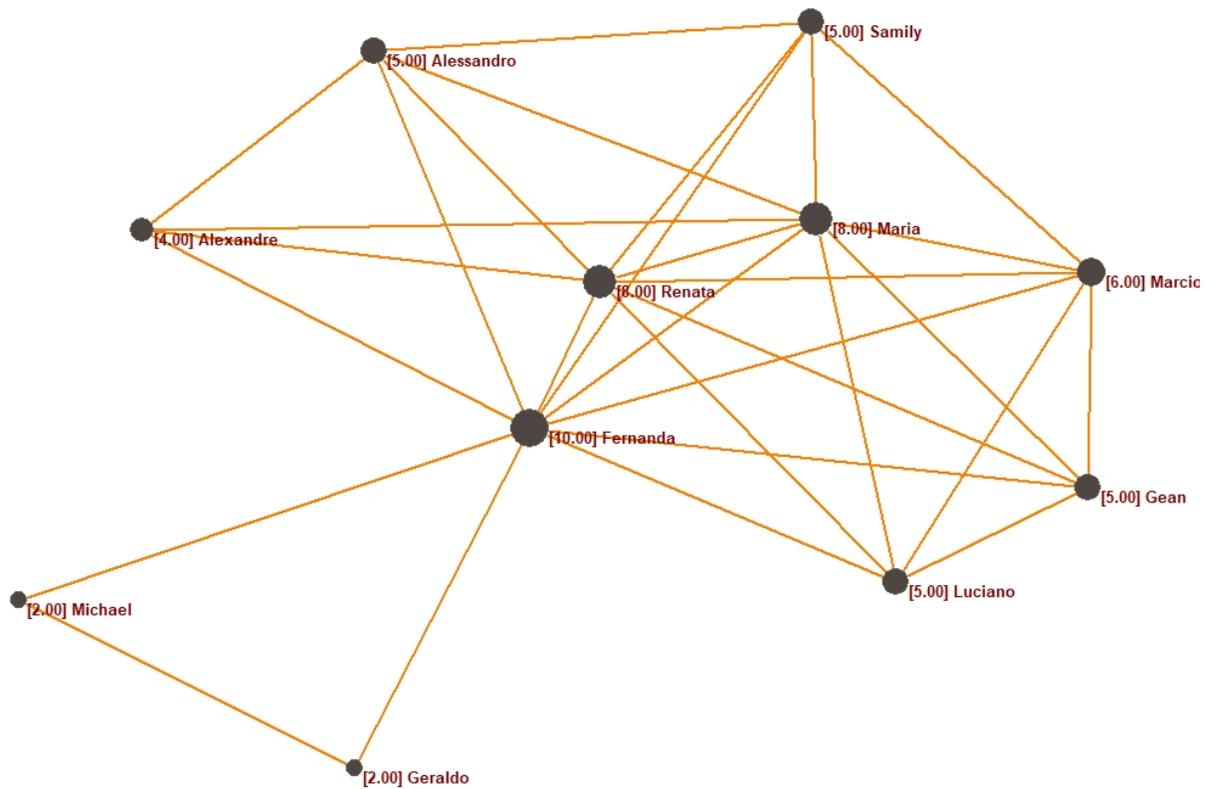
Figura 5 - Rede pessoal de Mateus

Fonte: Elaboração Própria.

Outro exemplo é Pedro. Comparada às redes dos demais entrevistados, a rede pessoal de Pedro tem um tamanho intermediário, com 11 contatos. Seu alter-ego, ou seja, a pessoa que mais espelha sua posição na rede, é sua esposa. A idade média de seus alteres é de 42 anos, portanto, são pessoas de sua faixa etária. A maioria são amigos (63,64%), e boa parte deles entraram há pouco tempo na vida de Euler. Isso indica que estes não são laços tão fortes, o que pode ser um indicador de canais por onde informações e oportunidades não-redundantes podem circular.

Mesmo que esses amigos de Pedro sejam pessoas com quem ele se relaciona diariamente, há aí um certo caráter de “laço fraco”, já que são amigos que ele conheceu recentemente, há dois anos, comparado ao restante de sua rede. Esses amigos recentes parecem ter entrado em sua vida por conta de sua primeira inserção no mercado de trabalho formal, ao trabalhar em um Lava-Jato. Isso porque o emprego no Lava-Jato se deu justamente no mesmo período em que ele conheceu esses amigos. Um dos amigos trabalha inclusive neste mesmo Lava-Jato. Isso mostra como a primeira inserção no mercado de trabalho pode ter um efeito de renovação nas redes pessoais de ex-detentos. Apesar disso, esses novos alteres apresentam escolaridade baixa (assim como os demais alteres da rede) e não parecem, segundo o relato, ter surtido efeito no sentido de ter ajudado Euler a encontrar um novo emprego.

Figura 6 - Rede pessoal de Pedro



Fonte: Elaboração Própria.

Quadro 4 - Perfil dos *alteres* da rede pessoal de Pedro

Nome	Idade (anos)	QTSC	Profissão	Religião	Parentesco	Escolaridade
R	46	*	Vendedora	Não tem	Irmã	Ensino Médio Completo
S	21	*	Estudante	Não tem	Sobrinha	Superior Incompleto
A	44	8	Mecânico	Evangélico	Amigo	Ensino Médio Incompleto
F	28	9	Garçonete (Desempregada)	Evangélico	Esposa	Ensino Médio Completo
M	72	*	Aposentada	Católico	Mãe	Ensino Fundamental Incompleto
M	44	28	Técnico de Impressão de Jornal	Evangélico	Amigo	Ensino Médio Completo

G	45	28	Eletricista	Não tem	Amigo	Ensino Médio Completo
L	43	28	Pedreiro	Não tem	Amigo	Ensino Médio Incompleto
A	45	2	Pintor / Pastor	Evangélico	Amigo	Ensino Médio Incompleto
G	35	2	Lavador de carros	Evangélico	Amigo	Ensino Médio Incompleto
M	42	2	Motorista	Evangélico	Amigo	Ensino Médio Incompleto

Fonte: Elaboração Própria.

Considerações Finais

Os dados relacionais mobilizados neste trabalho junto com as histórias de vida de cada entrevistado nos permitiram entender um pouco sobre como o cárcere afeta as redes pessoais de egressos do sistema prisional e suas chances de inserção no mercado de trabalho. Primeiro, mostramos como esses sujeitos têm dificuldades para renovar suas redes pessoais. Segundo, mostramos como o preconceito e o medo do preconceito acaba por fechar ainda mais as redes desses indivíduos. Terceiro, mostramos que o primeiro emprego pode ter um efeito de renovação sobre as redes pessoais dos egressos. Como se percebe em algumas das redes analisadas, os *alteres* que entraram mais recentemente nas redes são justamente aqueles que os entrevistados conheceram no primeiro emprego pós-cárcere. Ainda que nos casos analisados esses entrevistados não tenham colhido os frutos desse rejuvenescimento das redes, é lógico esperar que esses novos contatos feitos no primeiro emprego após a saída da prisão tenham efeitos positivos sobre sua trajetória profissional. Isso porque esses laços mais recentes têm maiores características de laços fracos, ou seja, eles podem ser fontes de informações novas, acerca de novas oportunidades e vagas de trabalho.

Em resumo, este artigo pretendeu demonstrar como as redes pessoais são aspectos importantes de serem analisados para se entender a situação de egressos do sistema prisional no mercado de trabalho. A ideia deste trabalho não é fazer generalizações a partir dos resultados encontrados, mas mostrar as potencialidades que o uso da ARS tem para o campo científico que estuda a inserção de egressos no mercado de trabalho e para o campo de políticas públicas ligadas a esse tema. A inserção ocupacional desses indivíduos está relacionada ao acúmulo de várias desvantagens, como a desvantagem educacional, econômica, de moradia, familiar, de experiência profissional, além da situação de preconceito que essas pessoas têm que enfrentar no seu dia a dia. Mas ela também é impactada pelas redes pessoais que se formam ao redor desses atores durante suas vidas.

Referências

- BENSON, Michael L. *Crime and life course an introduction*. 2. ed. New York: Routledge, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203889893>
- BRASIL. *Concelho Nacional de Justiça*. Política de Atenção a Pessoas Egressas do Sistema Prisional. CNJ: Brasília, [2020]. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/politica-de-atencao-a-pessoas-egressas-do-sistema-prisional-escritorios-sociais/>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- BURT, Ronald. *Brokerage & Closure: an Introduction to social capital*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BUSHWAY, Shawn D. The Impact of an Arrest on the Job Stability of Young White American Men. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, California, v. 35, p. 454-79, 1998. Doi: <https://doi.org/10.1177/0022427898035004005>
- CAMPBELL, Bradley, MANNING, Jason. *The Rise of victimhood culture: microagressions, safe spaces, and the new culture wars*. Basingstoke: Palgrave Macmillan. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-70329-9>
- COUNCIL OF STATE GOVERNMENTS. Report of the reentry policy council: charting the safe and successful return of prisoners to the community. New York: Council of State Governments, 2005.
- ELDER, Glen H. *Perspectives on life course*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2022*. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=4>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- GOTTFREDSON, Michal R.; HIRSCHI, Travis. *A general theory of crime*. California: Stanford University Press, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781503621794>.
- GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. *RAE Electron*, São Paulo, v. 6, n. 1, jan. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1676-56482007000100006>.
- GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985. Doi: <https://doi.org/10.1086/228311>.
- GRANOVETTER, Mark. *Getting a job: a study of contacts and careers*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226518404.001.0001>.
- GRANOVETTER, Mark. The old and the new economic sociology: a history and an agenda. In: FRIEDLAND, Roger; ROBERTSON, AF. (ed.). *Beyond the marketplace: rethinking economy and society*. New York: Routledge, 1990. p. 89-112
- GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973. DOI: <https://doi.org/10.1086/225469>.
- JARDIM, Fabiana Augusta Alves. Chaves inúteis? transformações nas culturas do trabalho e do emprego da perspectiva de experiências juvenis de desemprego por desalento. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 16, n. 31, p. 493-510, 2011.
- KIRK, David S.; WAKEFIELD, Sara. Collateral consequences of punishment: a critical review and path forward. *Annual Review of Criminology*, New York, v. 1, p. 171-194, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-criminol-032317-092045>
- LOPOO, Leonard M.; WESTERN, Bruce. Incarceration and the Formation and Stability of Marital Unions. *Journal of Marriage and the Family*, New York, v. 67, n. 3, p. 721-34, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2005.00165.x>.
- LYNCH, James P.; SABOL, William J. *Prisoner reentry in perspective*. Washington: The Urban Institute, 2001.
- MISCHE, ANN. *Partisan Publics: communication and contention across brazilian youth activist networks*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2007.

- PAGER, Devah. **Marked**: race, crime, and finding work in an era of mass incarceration. London: The University of Chicago Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226644851.001.0001>
- PAGER, Devah; QUILLIAN, Lincoln. Walking the talk? what employers say versus what they do. *American Sociological Review*, Chicago, v. 70, p. 355-380, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/000312240507000301>
- PAIXÃO, Antônio Luiz. *Recuperar ou punir? como o estado trata o criminoso*. São Paulo: Cortez, 1987.
- PETTIT, Becky; LYONS, Christopher J. Status and the stigma of incarceration: the labor-market effects of incarceration, by race, class, and criminal involvement. In: BUSHWAY Shawn D.; STOLL Michael A.; WEIMAN David. *Barriers to Reentry?: The Labor Market for Released Prisoners in Post-Industrial America*. New York: Russell Sage Foundation. 2007.p. 203-226
- PETTIT, Becky; WESTERN, Bruce. Mass imprisonment and the life course: race and class inequality in US incarceration. *American Sociological Review*, Chicago. v. 69, n. 2, p. 151-169, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1177/000312240406900201>
- PETTIT, Becky; WESTERN, Bruce. *The livelihood of man*. New York; San Francisco; London: Academic press, 1977.
- RAILEY, Michael G.; PETERSON, Gary. The Assessment of Dysfunctional Career Thoughts and Interest Structure Among Female Inmates and Probationers. *Journal of Career Assessment*, v. 8, n. 2, p. 119-129, 2000. Doi: <https://doi.org/10.1177/106907270000800202>.
- SABOL, William J. Local labor-market conditions and post-prison employment experiences of offenders released from Ohio State Prisons. In: BUSHWAY Shawn D.; STOLL Michael A.; WEIMAN, David. *Barriers to reentry?: the labor market for released prisoners in post-industrial America*. New York: Russell Sage Foundation. 2007. p. 257-303
- SHIVY, Victoria A; WU, Juana J.; MOON, Anya E.; MANN, Shay C.; HOLLAND, Jo G.; EACHO, Christine. Ex-offenders reentering the workforce. *Journal of Counseling Psychology*, Arlington, v. 54, n. 4, n. 466- 473, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-0167.54.4.466>
- SILVA, Marcelo Kunrath; ZANATA JR., Rui. Diz-me com quem andas, que te direi quem és: uma – breve – introdução à análise de redes sociais. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 92, p. 114-130, dez./fev. 2011/2012.
- SIMMEL, Georg. *Sociologie: études sur les formes de la socialisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- SMITH, David M.; WOODBURY, Stephen A. *Low-wage labor markets: the business cycle and regional differences*. Washington: Department of Health and Human Services, 2020.
- STEINER, Philippe. *A sociologia econômica*. São Paulo, Atlas, 2006.
- VERNICK, Stacie H.; REARDON, Robert C. Career development programs in corrections. *Journal of Career Development*, California, v. 27, n. 4, p. 265–277, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1007803120403>
- WESTERN, Bruce. *Punishment and Inequality in America*. New York: Russell Sage Foundation. 2006.
- WESTERN, Bruce; LOPOO, Leonard M., MCLANAHAN, Sara. Incarceration and the Bonds between Parents in Fragile Families. In: PATTILLO, Mary; WEIMAN, David; WESTEM, Bruce. *Imprisoning America: The Social Effects of Mass Incarceration*. New York: Russell Sage Foundation. 2004. p. 21-45.

Declaração de Co-Autoria: Alexandre Silva Nogueira declara que sua participação se deu na elaboração do instrumento de coleta dos dados relacionais, o questionário sociométrico; na análise dos dados relacionais e construção das redes pessoais; na escrita da parte metodológica do artigo; na análise dos dados relacionais no que concerne ao impacto das redes pessoais e na conclusão. Já Rafaele Lopes Souza, declara ter contribuído com a pesquisa bibliográfica e revisão da literatura; na análise dos resultados; na revisão da escrita do texto e na conclusão do artigo.

*Minicurrículo do/as Autore/as:

Daniel Araújo de Azevedo. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Doutorando em Sociologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas. E-mail: dahniell@gmail.com.

Rafaelle Lopes Souza. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2019). Docente junto ao Curso de Serviço Social do Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte. E-mail: rafaelle.lopes@yahoo.com.br.

Alexandre Silva Nogueira. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2022). Sociólogo na Secretaria de Estado e Desenvolvimento Social de Minas Gerais. E-mail: alexandresilvanogueira@hotmail.com.